

# 1 Introdução

As imagens são onipresentes. Para onde quer que olhemos, lá estão elas. As imagens relacionadas à morte também estão por toda parte: nos jornais que lemos todas as manhãs<sup>1</sup>, nas revistas, nos seriados de televisão como *Dead Like Me*, *CSI* e *Six Feet Under*, dos canais *Sony* e *Warner*, e até mesmo em desenhos infantis como *Lenore, a linda menininha morta* de *Roman Dirge*, exibido pelo canal *Cartoon Network*. A presente pesquisa de campo, de caráter qualitativo, tem por objetivo analisar a visão que os fotógrafos possuem acerca das imagens de morte da *mídia* (conjunto dos meios de comunicação<sup>2</sup>) impressa, e como estes se relacionam com as fotos de pessoas mortas, enquanto produtores de imagens.

Pretendemos também refletir sobre as fotografias de morte que nos rodeiam; sobre a relação que a Comunicação Social trava com a morte diariamente, através dos jornais e revistas (relação esta que repercute em nossas vidas); e sobre os critérios de publicação dessas fotos. Dessa forma, para possibilitar tais reflexões, estudaremos este fenômeno através do olhar do fotógrafo, sendo este o nosso objeto de estudo e foco. O historiador Peter Burke (2004, p.24) aponta que “deve-se aconselhar alguém que planeje utilizar o testemunho de imagens para que se inicie estudando os diferentes propósitos dos realizadores dessas imagens”. Seguiremos tal orientação. Poderemos observar, também, ao longo desta dissertação, que as imagens de morte servem a propósitos diversos, assim como são inúmeras as questões e justificativas que permeiam a lógica da publicação de imagens violentas.

---

<sup>1</sup> Vide Anexo A.

<sup>2</sup> De acordo com o dicionário Houaiss (2004, p. 496)

Os estudos sobre o chamado fotojornalismo abrangem várias disciplinas, uma vez que as imagens estão expostas e são acessíveis a todos, e, dessa forma, a articulação da Psicologia com o campo da Comunicação Social se faz necessária para que o objetivo desse estudo possa ser cumprido. Porém, como veremos mais adiante, outros saberes serão necessários neste estudo, como a Sociologia e a Filosofia, resultando, dessa forma, em um trabalho multidisciplinar. Como nos aponta Boris Kossoy (2000, p. 21), doutor em Ciências Sociais, “quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar”. Diante disso, não será diferente com a imagem de morte, sendo a própria morte, obviamente, *multi* e interdisciplinar, transitando pelos saberes. Nesse sentido, o sociólogo Dominique Wolton (2002a p. 12) reforça que a comunicação

é um objeto de conhecimento interdisciplinar, no cruzamento das disciplinas tradicionais e dos saberes recentes. Dez disciplinas a estruturam: filosofia, antropologia, sociologia, ciências políticas, lingüística, direito, economia, história, psicologia e geografia.

No que diz respeito aos novos conhecimentos em termos de Comunicação, proliferam estudos sobre a técnica, que tentam dar conta da expansão e velocidade da informação a que somos submetidos, porém o sociólogo francês Dominique Wolton (2003b p. 190) ressalta um ponto importante e que deve ser levado em consideração, o de que “o desafio da comunicação não é técnico, mas diz respeito à compreensão das relações entre os indivíduos”. O fator humano é o que importa, se pensarmos que a existência da Comunicação Social pressupõe a existência do ser humano e se baseia em suas relações. Considerando que as relações sociais são influenciadas pelos meios de comunicação, o estudo desta disciplina passa a interessar os psicólogos sociais. Como podemos observar, o tema da morte e suas imagens são um objeto de estudo pertinente ao campo da psicologia social, e não apenas à psicologia clínica, enfoque pelo o qual ela costuma ser estudada. Esta pesquisa não tem a intenção de ser um trabalho de psicologia

clínica. Sobre a definição de psicologia social, o psicólogo Jeffrey Goldstein (1980, p.2) a conceitua como

o estudo do comportamento social, o estudo do modo como as pessoas se organizam e respondem as suas experiências sociais, o estudo das pessoas em grupos, o estudo da interação e o estudo dos efeitos de uma pessoa sobre outras.

Ora, considerando a onipresença da mídia na sociedade e a evolução tecnológica, essa acaba por interferir na interação dos grupos. Mas as mudanças não se restringem apenas ao comportamento social. De acordo com as psicólogas Ana Maria Nicolaci-da-Costa e Carla Leitão (2003, p. 421), as transformações na contemporaneidade “criaram um novo contexto de produção científica, caracterizado pela desconstrução de antigas teorias e pela construção de uma nova rede de conhecimentos”. O conhecimento deve adaptar-se às novas formas de viver, aos novos tipos de interação social. Dentro da categoria do *novo*, podemos incluir os estudos sobre a *Internet*, sobre o impacto do uso de celulares e das câmeras fotográficas digitais. A adaptação do conhecimento aos fenômenos recentes inclui também os estudos sobre a fotografia. Reforçamos que as imagens estão por todos os lugares, como aponta o filósofo Vilém Flusser (2002, p.37) neste relato:

as fotografias são onipresentes: coladas em álbuns, reproduzidas em jornais, expostas em vitrines, paredes de escritórios, afixadas em muros sob forma de cartazes, impressas em livros, latas de conservas, camisetas.

Por ser algo tão presente na vida cotidiana, a fotografia corre o risco de tornar-se banal, de passar despercebida, num momento em que muitos estudos acerca da recepção do público às imagens se fazem necessários. Sobre isso, Wolton (2003b p. 50) indica que “a partir do momento que a tecnologia está presente no escritório, em casa, na prestação de serviço e no lazer, a banalização daí resultante é tranquilizadora.” Enquanto Flusser (2002), diz que as fotografias nos cercam, Susan Sontag (2003, p.76), aponta que as fotografias nos perseguem. Porém, a idéia de *perseguição* pode ser um tanto arriscada aqui, já que pressuporia uma sensação de

desconforto por parte do receptor, em relação às imagens. E tentaremos evitar esse tipo de suposição.

As imagens violentas podem chocar os leitores, e nos fazem pensar sobre os poderes e limites da circulação desse conteúdo nos meios de comunicação em massa, como nos aponta Michel de Certeau (1996, p. 48). Segundo o teórico,

da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar.

Tais viagens do olhar acontecem, diariamente, com o público leitor das revistas e jornais, mesmo que este evite entrar em contato com as imagens de conteúdo violento. A morte se transforma em um espetáculo, um divertimento, uma distração, uma fórmula rápida do jornal vender mais exemplares que o concorrente, uma forma de chamar a atenção na primeira capa. As imagens costumam ser *lidas ao pé da letra*, encaradas como espelhos fiéis da realidade, como janelas por onde se avista o mundo. Conforme nos indica Flusser ( p.15),

as imagens técnicas , longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas. Como toda imagem, é também mágica e seu observador tende a projetar essa imagem sobre o mundo. O fascínio mágico que emana das imagens técnicas é palpável a todo instante em nosso entorno. Vivemos, cada vez mais obviamente, em função de tal magia imagética: vivemos, conhecemos, valorizamos e agimos cada vez mais em função de tais imagens. Urge analisar que tipo de imagem é essa.

Falar sobre a morte é delicado. Refletir sobre o impacto, consumo, produção e recepção das imagens, é uma tarefa ousada. Porém, os vivos relacionam-se com os mortos, diariamente, através das imagens, uma relação silenciosa que acontece diante de nossos olhos. Sobre isto, José Carlos Rodrigues (1983, p. 12) aponta que é possível “entender os vivos através de suas relações com os mortos”. A forma como nos relacionamos com a morte denuncia a maneira de viver na contemporaneidade, denuncia

singularidades, subjetividades e valores, sendo essencial pensar sobre tais noções. O autor comenta ainda que “as noções mais importantes da vida escapam inteiramente à ciência: beleza, felicidade, prazer, dor...” (p.11), e ressalta que sobre tais questões “as teorias científicas nada podem falar – o que nos autoriza a pergunta: é possível falar cientificamente sobre a morte?” (p.11). E outra questão pertinente: é necessário, atualmente, falar sobre a morte, já que ela está em todos os lugares, ao nosso redor?

A relação entre a ciência e a morte não é recente, em todos os tempos a humanidade mostrou-se curiosa sobre o estudo da finitude. Rodrigues (p.11) aponta o estudo sobre a morte como uma tentativa de compreendê-la ou talvez dominá-la, como podemos observar a seguir:

Falar cientificamente sobre a morte é considerá-la como objeto e, logo, pô-la à distância [...] Será que se pode considerar a morte como objeto de ciência e submetê-la à regra de ouro de nosso catecismo metodológico, considerando-a como ‘coisa’? [...] Em tudo isso, é claro, existe uma tentativa de fechar a angústia de morte dentro de um discurso e de localizar o pensamento sobre a morte em um lugar seguro dentro da sociedade ( e fora de nós).

Colocar a morte à distância, para poder analisá-la, não é uma tarefa simples se pensarmos que ela atinge a todos e põe até mesmo os pesquisadores diante da própria finitude. Ainda assim, estamos dispostos a encarar este desafio. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que as Ciências Sociais só conseguem analisar os fenômenos *a posteriori*, como nos indica o sociólogo francês Michel Maffesoli (1996, p. 45), “é sempre com atraso que o amplamente vivido torna-se objeto de análises ou até de observações da parte dos que fazem profissão de teorizar sobre a vida social.” Lembramos que as pesquisas originais sempre abrem portas a mais pesquisas, originando um universo no qual os pesquisadores se retroalimentam, gerando cada vez mais conhecimento, e onde só se tem a ganhar.

Ainda com relação à imagem, é necessário que a situemos dentro de uma referência conceitual, para esclarecermos que imagem é essa a que nos referimos. Para esta tarefa, a psicóloga Monique Augras (2006, p. 3) recorda o filósofo Platão, que estabelece três funções para as imagens: (1)

‘representar uma realidade’; (2) “produzir um efeito de realidade” e (3) “criar uma ilusão.”

Por sua vez, a imagem que retrata uma morte representa uma situação encarada como incomum pela maioria das pessoas. O sociólogo Patrick Tacussel (2006, p.29) acrescenta que “são os desconhecidos que povoam a coluna dos noticiários, mortos anônimos a respeito dos quais o comentário faz-se em razão de uma trágica exemplaridade.” Mortos anônimos que a sociedade observa como um filme, sentados em seus sofás, na segurança de seus lares. Além disso, as próprias imagens de morte publicadas pela mídia impressa são, por si só, uma forma de linguagem. Denunciam a lógica e o funcionamento dos meios de Comunicação Social e, em última análise, informam sobre a maneira que os indivíduos têm de lidar com a morte, sobre o significado atribuído à finitude. Dessa forma, como ressaltam Mary Jane Spink e Benedito Medrado (1999, p. 58) a seguir:

a mídia não é apenas um meio poderoso de criar e fazer circular conteúdos simbólicos, mas possui um poder transformador ainda pouco estudado- e, talvez, ainda subestimado- de reestruturação dos espaços de interação, propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentidos.

É necessário refletir como essa reestruturação se dá, pensar sobre os impactos da mídia e suas imagens, sobre a produção das fotografias, sobre a função das mesmas e a forma como esses conteúdos são percebidos e introjetados por indivíduos singulares, consumidores das imagens de morte veiculadas pelos meios de comunicação.

O interesse pelo estudo da morte (Tanatologia), considerado rico e ainda pouco explorado, surgiu durante a minha atuação de dois anos na área da Psicologia Hospitalar (2002-2003), no atendimento a pacientes terminais em Unidades de Terapia Intensiva (U.T.I.). Durante este período, tive a oportunidade de aprofundar os meus estudos sobre o tema, ampliando-o do meio hospitalar à questão da morte no campo das ciências sociais. Tornei-me, então, mais atenta à publicação de imagens consideradas violentas, que se proliferavam na mídia em virtude das conseqüências do

ataque terrorista ao *World Trade Center*, em *Nova York* (E.U.A.), no ano de 2001.

O próximo passo foi procurar a produção científica sobre o assunto, produção esta considerada ainda fraca a respeito de um tema tão atual, principalmente no que diz respeito ao campo da Psicologia. Na maioria das vezes, os artigos e pesquisas encontrados não possuíam muita aplicabilidade prática, se restringindo a reflexões sobre a relação do homem com a morte ou à morte no contexto hospitalar. Em resposta a essa lacuna, surgiu o desejo de pesquisar a morte (e a imagem da mesma) por um viés atual, produzindo um conhecimento que fosse útil às diversas disciplinas, como a Comunicação e a Sociologia.

Voltando ao campo da Comunicação, observamos que, quando uma imagem de morte é divulgada, vários veículos da área compartilham a mesma foto, portanto, o indivíduo é exposto à imagem do mesmo acontecimento várias vezes. O que ele assiste na televisão pode ser visto também na capa do jornal, e, no caso de serem fotografias de morte, muitas vezes mostram as vítimas de acidentes ou de violência, algo que poderia acontecer ao espectador também. Nesse sentido, existe a ansiedade gerada pelo sentimento de que “poderia ter sido comigo”. Assim, os eventos catastróficos, segundo Rodrigues (1983, p.98), “aparecem como mais inquietantes e ameaçadores, porque se produzem fora do nosso universo de controle e, de certa forma, além das fronteiras da estrutura social.” E tudo o que foge ao controle provoca angústia.

Tais fatos instigam a pensar sobre a inserção do psicólogo neste campo de conhecimento notavelmente atual: a questão da produção de subjetividade das massas diante do bombardeio de informações ligadas à morte e à violência. E não apenas isso: a questão dos jornalistas e fotógrafos como produtores de subjetividades (aqueles que tecem as redes de comunicação mas que, ao mesmo tempo, estão expostos às mesmas influências do “cidadão comum”). Todas essas questões ligadas à tecnologia, Comunicação e seus impactos, têm despertado o interesse até mesmo do

Conselho Federal de Psicologia, que fez da democratização dos meios de comunicação e da questão da ética nos mesmos o assunto principal da 5ª edição do Concurso *Prêmio Monográfico Dante Moreira Leite: Psicologia e Comunicação Social: Produção de Sujeitos, Subjetividade e Identidades Culturais*, em 2004, cujo objetivo foi estimular estudantes e profissionais de Psicologia a produzirem pesquisas sobre tais temas.

Ainda sobre a Psicologia, esta insiste em observar o indivíduo “contemporâneo a partir de categorias tradicionais, desconsiderando que transformações sociais profundas geram impactos, não menos profundos e dificilmente captáveis a partir de antigos referenciais”, como apontam Leitão & Nicolaci-da-Costa (2003, p.421). Segundo as autoras, a Psicologia teria, portanto, o “desafio de reformular os conhecimentos psicológicos para que os mesmos acompanhem as transformações em curso na atualidade.” (p.428). Os psicólogos devem nutrir mais interesse pelos meios de comunicação, caso contrário, os fenômenos recentes, pertinentes ao campo *psi*, acabarão sendo estudados pelas outras disciplinas.

As imagens de conteúdo violento, aqueles que as produzem, os que as divulgam e aqueles que as consomem fazem parte de um sistema regido por uma lógica própria, dizem muito, principalmente, sobre as relações humanas contemporâneas. Nesse sentido, Wolton (2003b p. 21) reforça que a comunicação

se ocupa de forma conjunta das três lógicas: do *emissor*; da *mensagem* e do *receptor*, assim como o descompasso existente entre elas. A força e a complexidade extraordinária da comunicação residem na compreensão destas relações.

O sociólogo alerta ainda que “a maioria, as massas, o povo, continuam sendo, como a comunicação, aliás, temas de grande importância sobre os quais os trabalhos teóricos são insuficientes.” (p. 21).

No que diz respeito aos trabalhos existentes sobre a mídia, é necessário ressaltar que as teorias que fundamentam esta pesquisa podem diferir entre

si em alguns pontos, porém alguns aspectos dessas são pertinentes ao estudo que apresentamos. A idéia principal desta dissertação é analisar o discurso dos fotógrafos sobre as imagens de morte, e , dessa forma, levantar questões a serem estudadas pelos diversos saberes. Wolton (2003b, p. 33) alerta que existe uma “recusa em *pensar* verdadeiramente a comunicação”, por isso é fundamental contribuir com as pesquisas multidisciplinares sobre a mídia.

Já Maffesoli (1999, p. 22) ressalta um ponto importante, ao dizer que “ainda não fizemos as constatações fundamentais sobre esta época. Nisso, não há desejo de neutralidade, pois o subjetivo permeia o trabalho de pesquisa, de escolha e de análise.” O sociólogo (p. 22) indica que “a descrição nunca é neutra”, se considerando um “relativista”, por colocar “em relação”. O autor diz ainda que apresenta “proposições de entendimento”, que não se guia pela neutralidade e defende o “conflito de idéias” (p. 22). Maffesoli (p. 23) alerta que o intelectual precisa “escutar o social, mergulhar nos imaginários, penetrar nas contradições.” Durante esta dissertação, tentaremos seguir tal orientação.

Ao estudarmos a percepção dos fotógrafos sobre as imagens de morte na mídia, estaremos *mergulhando no imaginário* desses e refletindo sobre o que é considerado realidade, no que diz respeito a fotos. A própria fotografia, que surgiu no século XIX, hoje é palco de grandes discussões, pois se reflete quais seriam os parâmetros do que é considerado real. O conceito da fotografia como “representação *a partir* do real” que Boris Kossoy (2000, p. 31) apresenta nem sempre é o conceito incorporado pela maioria que consome as imagens. O teórico aponta (p. 31) que “o documento fotográfico [...] não pode ser compreendido independentemente do processo da representação em que se originou”. Porém, muitas vezes, a foto é compreendida por si mesma, descontextualizada, pensa-se que o que se está vendo é o que realmente aconteceu. Para muitos, a situação em que a foto foi tirada, a circunstância, a subjetividade do fotógrafo, as condições a que

este foi submetido, nada disso importa. O foco da atenção recai sobre o produto final: a foto. E apenas o que é visto interessa.

Nesta dissertação, como já foi dito, as imagens de morte publicadas serão estudadas através dos depoimentos daqueles que as produzem: os fotógrafos. A decisão de dar a palavra aos fotógrafos foi em virtude de os mesmos estarem inseridos no ambiente de imprensa, passando, muitas vezes, por conflitos diários no que se refere à produção, edição e publicação de suas imagens em jornais e revistas. Não basta apenas ter contato com as imagens de morte, ou ainda, ter contato com aquilo que se fala acerca dessas fotografias. É preciso ir à raiz do fenômeno, é necessário saber a opinião do profissional por trás da lente da câmera, urge saber o que existe por trás da foto tirada. Procuramos evitar uma compreensão deste fenômeno *a priori*, partindo de idéias pré-concebidas, baseadas, integralmente, em trabalhos já publicados. Devido a isso, a opção pelo trabalho de campo com entrevistas tornou-se um caminho inevitável.

Feita a escolha pelo trabalho de campo, de caráter qualitativo, iniciou-se a jornada da busca pelos fotógrafos. Procuramos buscar profissionais atuantes no mercado: fotógrafos independentes, professores de fotografia em universidades, escolas de fotografia e de artes visuais, além de repórteres fotográficos de jornais e revistas. Entramos em contato com as principais escolas e cursos de fotografia da cidade do Rio de Janeiro, assim como universidades que possuíssem disciplina de fotografia dentro da graduação em Comunicação Social. Ao todo, foram entrevistados dez fotógrafos.

As dificuldades encontradas se deveram ao fato de os fotógrafos não terem uma rotina fixa de trabalho, algumas vezes as entrevistas precisaram ser remar cadas e outras foram feitas no pequeno intervalo do fotógrafo “*entre uma pauta e outra*”. De maneira geral, os profissionais se mostraram solícitos e abertos às questões indagadas, demonstrando interesse em falar sobre o que vivenciam diariamente. Existe um certo silêncio em torno das imagens de morte e dos próprios fotógrafos, faz-se necessário dar a palavra aos produtores das imagens que nos cercam diariamente.

Durante o contato com os fotógrafos entrevistados, procuramos saber a opinião dos mesmos sobre as imagens de morte publicadas, visando conhecer a percepção do profissional de uma maneira ampla; se existem normas ou critérios no momento de fotografar uma pessoa morta, assim como a opinião do profissional sobre a localização ideal dessas imagens, se elas devem sofrer alguma restrição no momento de publicação e se aumentam a venda do jornal ou não. Verificamos ainda a opinião do fotógrafo sobre a manipulação e alteração das imagens e sobre como o mesmo percebe a recepção do público diante de tais imagens.

É necessário esclarecer a questão da nomenclatura utilizada nesta pesquisa. Utilizaremos, principalmente, os termos *fotógrafo*, para designar de maneira ampla o profissional, pois, obviamente, esta palavra se encaixa a todos os tipos de fotógrafos mencionados na pesquisa, inclusive os entrevistados; e *repórter fotográfico*, termo encontrado em Ivan Lima (1989, p. 24), especialista em Fotografia e História Contemporânea, se referindo ao profissional que trabalha com imprensa. Nem todos os *fotógrafos* entrevistados são *repórteres fotográficos*. Utilizaremos o termo *fotojornalismo*, por ser recorrente na Comunicação, mas não faremos uso do termo *fotojornalista*, por se tratar de um termo confuso que é aplicado incorretamente na maioria dos casos, tendo em vista que, mesmo os fotógrafos que possuem formação em Comunicação, não possuem, necessariamente, a habilitação em jornalismo. Para evitar maiores confusões, usaremos apenas as palavras *fotógrafos* e *repórteres fotográficos*.

Outro ponto importante, que poderá ser observado na segunda parte desta dissertação, é a diferenciação entre o repórter fotográfico (de imprensa) e o fotógrafo "*não-jornalístico*", isto é, aquele que se dedica à fotografia como arte e não como instrumento da Comunicação Social. Encontramos certa dificuldade na busca pelo termo correto para nomear este outro tipo de fotógrafo, pois não poderiam ser chamados de *fotógrafos artísticos* devido à idéia *a priori* de que todo fotógrafo é um artista por definição. Localizamos a definição de Ivan Lima, que chamou tais

profissionais (que não fazem fotojornalismo) de *fotógrafos picturais*. No entanto, tal expressão remete aos fotógrafos influenciados pelos movimentos ligados à Pintura. Após consultarmos alguns professores de fotografia, concluímos que, para não gerar distorções, iremos nos referir a fotografia “não-jornalística” simplesmente como “fotografia como arte”. No quinto capítulo, este tema será discutido de maneira mais aprofundada. Ainda com relação a nomenclatura utilizada, é importante ressaltar que usaremos o termo “mídia impressa”, para nos referirmos aos jornais e revistas veiculados pelos meios de comunicação. Procuramos evitar o termo “imprensa”<sup>3</sup> por este englobar a televisão e o rádio, referindo-se, até mesmo, sobre grupos de jornalistas.

Com relação à estrutura da presente dissertação de Mestrado, no segundo capítulo, veremos alguns dados históricos sobre a relação do homem com a morte, sobre a Tanatologia, assim como os primórdios da veiculação das imagens de morte na mídia em geral. Falaremos sobre a morte e as imagens de violência na mídia, de maneira mais ampla. Ainda no primeiro capítulo, abordaremos o estatuto da imagem e mencionaremos alguns conceitos sobre a mesma.

No terceiro capítulo, discutiremos sobre a morte retratada no fotojornalismo e sobre as características das imagens publicadas na mídia impressa. Este capítulo destina-se, também, a explicar sobre a prática do fotógrafo e a questão da ética que permeia os estudos dos meios de comunicação.

No quarto capítulo, abordaremos a contribuição da Sociologia ao estudo das imagens de morte publicadas: as teorias dos sociólogos Michel Maffesoli e Dominique Wolton, nos aspectos pertinentes à compreensão do objeto de estudo desta dissertação. Não pretendemos, nesta pesquisa, dar conta da teoria completa de tais pensadores, nem objetivamos compará-los, apontando diferenças e semelhanças. A finalidade será expor aspectos das

---

<sup>3</sup> Sobre isso, ver dicionário Aurélio (1984, p. 748)

teorias que sejam importantes e relevantes ao tema proposto. Neste capítulo, ressaltaremos o conceito de Comunicação e a aplicação desse ao objeto de estudo da pesquisa.

No quinto capítulo, será delineado o perfil dos fotógrafos entrevistados, a metodologia utilizada nas entrevistas, o método de análise dos discursos, assim como o roteiro utilizado nas mesmas.

O sexto capítulo abordará as entrevistas com fotógrafos que *não* atuam na imprensa. Tal capítulo será destinado à questão da imagem da morte na visão de fotógrafos fora do âmbito da Comunicação, trazendo alguns exemplos de artistas que se utilizaram da morte como tema principal de alguns trabalhos. Este capítulo servirá de introdução ao sexto, o das entrevistas com os repórteres fotográficos.

No sétimo capítulo, analisaremos as entrevistas com fotógrafos atuantes na imprensa, quando serão demarcadas as principais categorias recorrentes no discurso dos entrevistados para, posteriormente, chegarmos às considerações finais deste estudo, no oitavo capítulo.

É importante ressaltar, uma vez mais, o caráter multidisciplinar desta dissertação, tendo em vista que a morte permeia todos os campos do conhecimento humano. Portanto, serão utilizados autores da Psicologia, Comunicação Social, Sociologia, Filosofia, História, entre outros. As imagens de morte que nos rodeiam perpassam pelas áreas de conhecimento citadas, e ignorar tais estudos neste trabalho seria rejeitar um conhecimento essencial a uma compreensão ampla sobre a publicação das imagens de morte na mídia impressa. Falar sobre um assunto tão denso, já foi dito, é um desafio. Porém, durante a leitura desta pesquisa, é importante termos em mente que, no peso do tema, reside a beleza de estudarmos o ser humano em todas as suas formas, em todos momentos e medos.